

«É possível encontrar Cristo hoje? Onde, como?»

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

## 5. A permanência do acontecimento na história (o templo no tempo)

por Luigi Giussani\*

### 1. O ACONTECIMENTO PERMANECE NA HISTÓRIA MEDIANTE A COMPANHIA FORMADA PELOS QUE CREEM

Jesus Cristo está presente aqui e agora: Ele permanece na história mediante a sucessão ininterrupta dos homens que lhe pertencem em virtude da ação de seu Espírito, como membros de seu Corpo, prolongamento de sua Presença no tempo e no espaço.<sup>1</sup> O Batismo é o gesto com que Cristo morto e ressuscitado toma os homens que o Pai pôs em suas mãos e os conduz para dentro de Si.<sup>2</sup> Tais homens tornam-se, assim, parte de sua figura, de sua personalidade, membros de seu Corpo. Cristo, portanto, é como um corpo que cresce com o passar do tempo, uma personalidade que se manifesta mais e mais na história, como diz São Paulo: “Até chegarmos, todos juntos, à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura do Cristo em sua plenitude”.<sup>3</sup>

“Saulo, Saulo, por que me persegues?”

Leiamos a página do Novo Testamento em que esse fator, a comunidade formada por aqueles que creem, surge na história. Assistimos aqui, literalmente, ao nascimento de um protagonista novo e irresistível.

Saulo segue para Damasco no comando de um destacamento de soldados para prender os cristãos daquela cidade. A certa altura do caminho, uma luz o envolve e o lança por terra, e ele, caído, ouve uma voz poderosa: “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?”<sup>4</sup> Na pergunta dirigida a Saulo surge, inesperadamente, uma companhia de homens como fator novo na história. De fato, Saulo nunca havia encontrado a maioria das pessoas que perseguia (algumas delas, no máximo, o conheciam de vista). “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?” Essa pergunta estabelece uma identidade entre aqueles estranhos que ele perseguia e o Ser cuja voz naquele momento encheu o céu e a terra, ou seja, toda a sua vida, arrebatou-o para sempre e fez dele o ponto inicial de uma batalha triunfal destinada a durar por todo o tempo da história.

Procuramos agora identificar-nos com os pensamentos e os sentimentos de um membro da primeira comunidade cristã de Damasco. A pergunta dirigida a Saulo estabelece, portanto, uma »

<sup>1</sup> Cf. Ef 1,23. Cf., a respeito, L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 186-190.

<sup>2</sup> Cf. Jo 10,28s. Cf. também L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 288-289.

<sup>3</sup> Ef 4,13.

<sup>4</sup> At 9,4.

\* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades  
*Deixar marcas na história do mundo*,  
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2019, pp. 52-55.

» identidade entre mim, que moro em Damasco, que a custo me sustento, fabricando tapetes, e aquele Homem de quem ouvi falar pela boca do velho Ananias. Um homem chamado Jesus, de Nazaré, filho de Maria, que, como já lembramos, aquela vez em Naim, vendo uma mãe, viúva, que acompanhava o caixão de seu filho morto até o sepulcro, foi tomado por um ímpeto de emoção e, dando um passo à frente, pôs a mão no ombro daquela mãe e lhe disse: “Mulher, não chores”, com uma estranha incongruência. E, em seguida, ressuscitou seu filho.<sup>5</sup> Mas como é possível dizer “não chores” a uma mulher viúva cujo filho morreu? É absurdo. No entanto, era essa “absurdidade” o que deixava as pessoas de boca aberta. Eu também fiquei de boca aberta, e disse: “Sim, aí está a fonte da vida; esse Homem é a fonte da vida”. Ele mesmo havia dito isso: “Eu sou a Ressurreição e a Vida”.<sup>6</sup> Sim, esse Homem é o Caminho, a Ressurreição e a Vida.<sup>7</sup> Por isso, juntei-me ao grupo de Damasco e hoje estou para ser perseguido, preso e talvez até morto por Saulo. Mesmo sendo um perfeito estranho para ele, Saulo vem-me perseguir porque constituiu uma identidade com aquele Homem que encontrou João e André,<sup>8</sup> que ressuscitou o filho da mãe viúva, que disse a Zaqueu: “Desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa”,<sup>9</sup> que tomou uma criança nos braços, apertou-a ao peito e disse: “Ai de quem escandaliza o menor destes pequeninos”.<sup>10</sup> Eu sou uma coisa só com esse Homem, esse Homem que, um dia, tendo subido ao cimo de uma colina, virou-se e viu toda a gente que o seguia, e encheu-se de compaixão por aquelas pessoas, porque eram como ovelhas sem pastor,<sup>11</sup> quase o símbolo da humanidade inteira. Eu sou uma coisa só com Ele, e quem me persegue, a Ele persegue: “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?” Esse “*me* persegues” indica que Ele e eu somos uma coisa só, identificados, tornados um. Nesse “*me*” se revela a coincidência entre os cristãos e Cristo.

São Paulo escreveu, alguns anos depois, o que tinha entendido a partir daquele momento: os cristãos e Cristo são uma coisa só. Aqueles que foram tomados pelo gesto do Batismo foram inseridos em Cristo e identificam-se com Ele. “Vós todos que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo”.<sup>12</sup> Por isso, já não existe nenhuma diferença. “Não há mais judeu ou grego [a grande diferença cultural daquela época], escravo ou livre [a grande diferença social], homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus.”<sup>13</sup> Todos vós sois um, *eis*,<sup>14</sup> em grego, um ser só, uma coisa só em Cristo Jesus. Foi dessa unidade que tomou consciência, confusamente, no caminho para Damasco, aquele homem caído por terra que ouviu: “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?”

A unidade com Cristo coincide com a unidade entre os cristãos. Assim, São Paulo, pouco tempo depois, pôde observar: somos uma coisa só, nós, que “participamos desse único pão”.<sup>15</sup> Somos uma coisa só, no sentido ontológico do termo, a ponto de cada um de nós ser membro do mesmo corpo. De fato, para acusar a maneira errada como as pessoas se tratavam na comunidade de Éfeso, São Paulo escreve: “Somos membros uns dos outros”.<sup>16</sup> Não apenas membros de Cristo, portanto, mas membros uns dos outros. A relação de unidade entre mim e Cristo, entre você e Cristo, é a relação de unidade entre mim e você. Não há injustiça que possa representar uma objeção e permitir que resistamos a essa unidade. »

<sup>5</sup> Cf. Lc 7,11-17.

<sup>6</sup> Jo 11,25.

<sup>7</sup> Cf. Jo 14,6.

<sup>8</sup> Cf. Jo 1,35-39.

<sup>9</sup> Cf. Lc 19,5.

<sup>10</sup> Cf. Mt 18,2-10.

<sup>11</sup> Cf. Mt 9,36; Mc 6,34.

<sup>12</sup> Cf. Rm 6,4; Gl 3,27.

<sup>13</sup> Gl 3,27-28.

<sup>14</sup> Cf. Rm 10,12; 1Cor 12,13; Gl 3,28; Cl 3,11.

<sup>15</sup> 1Cor 10,17.

<sup>16</sup> Cf. Ef 4,25.

» **PROVOCADOS PELA EMERGÊNCIA DO CORONAVÍRUS E PELAS LIMITAÇÕES ÀS QUAIS ESTAMOS SUBMETIDOS...**

*O que vence o medo, o vazio e o tédio destes dias? Como escreveu Carrón na carta ao Corriere della Sera, «É uma presença, não as nossas estratégias, a nossa inteligência ou a nossa coragem, o que mobiliza e sustenta a vida de cada um de nós. [...] Só o Deus que entra na história como homem é que pode vencer o medo profundo».*

*Para nos ajudarmos a enxergar os sinais desta vitória durante estes dias, sugerimos estes instrumentos:*

- Julián Carrón, [“Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”](#), carta ao Corriere della Sera, 1 de março de 2020

- Julián Carrón, [Fé e solidariedade](#), palestra no congresso “Inimiga solidão” (Florença, 16 de novembro de 2019), *Passos-Litterae communionis*, março de 2020

- Teresa Gutiérrez de Cabiedes, *Van Thuan: libero tra le sbarre*, Roma: Città Nuova, 2018 ([resenha](#))

*Lembramos que é possível mandar contribuições sobre este período a:*

<http://eventi.comunioneliberazione.org/gcontributi/>  
*na seção “Scuola di Comunità”.*

**Outras sugestões:**

**Livros**

- Bruce Marshall, *A ogni uomo un soldo*, Milão: Jaca Book, 2009 ([resenha](#))

- Robert Hugh Benson, *O senhor do mundo*, Campinas: Ecclesiae, 2013 ([resenha](#))

**Filmes**

- *Homens e deuses* (2010) de Xavier Beauvois ([resenha](#))

- *Marcelino pão e vinho* (1955) de Ladislao Vajda ([resenha](#))

- *A vida dos outros* (2006) de Florian Henckel von Donnersmarck ([resenha](#))